



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSÉ DE ARAÚJO SOUZA NETO

(entrevista)

Juazeiro, BA

2021

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

ESEFID – UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: LOURIVAL QUIRINO: uma trajetória nadando nas águas do Rio São Francisco

Número da entrevista: E-971

Nome do entrevistado: José de Araújo Souza Neto

Local da entrevista: Juazeiro - Bahia

Entrevistador: Joelzio dos Santos Oliveira

Data da entrevista: 15/02/2021

Transcrição: Joelzio dos Santos Oliveira

Copidesque: Joelzio dos Santos Oliveira

Pesquisa de termos: Joelzio dos Santos Oliveira

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 33 minutos e 51 segundos

Páginas Digitadas: 13

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo Centro de Memórias do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SOUZA NETO, José de Araújo. Entrevista concedida por José de Araújo Souza Neto ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Joelzio dos Santos Oliveira. UNIVASF, UFRGS, Juazeiro (BA), 15 fev. 2021, 16p.

SUMÁRIO

Juazeiro; Bahia; Graduação; Lourival Quirino; Natação; Rio São Francisco; Piscina; Amigos; Atletas; Escola; Classe social; AABB; Maratona aquática; Nadadores; Treinamentos; Pilastras; Petrolina; Travessias; Competições; Categorias; Idade; Travessia a Nado Mar Grande – Salvador; Pescador; Angarí; Família; Respeito; Salvador; Patrocínio; Barco; Mergulho; Pesca; Estudos; Barreiras; Esporte; Mídia; Country Club; Apoio; Jornal A Tarde; Maré; Vereador; Influência; Município.

Juazeiro (BA), 15 de fevereiro de 2021. Entrevista com José de Araújo Souza Neto (J.N.) a cargo do pesquisador Joelzio dos Santos Oliveira (J.O.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

J.O. – Qual o seu nome completo?

J.N. – José de Araújo Souza Neto.

J.O. – Data e local do seu nascimento?

J.N. – 15/03/1981, Juazeiro - Bahia.

J.O. – Qual a sua escolaridade?

J.N. – Tenho nível superior em duas graduações, primeiramente Fisioterapia e depois Odontologia que é a profissão que exerço.

J.O. – Quando foi que iniciou sua relação com a natação?

J.N. – Por volta de 1992 quando meu pai me levava... Tinha 11 anos, me levava para Ilha do Fogo¹ pra brincar no rio² e comecei a nadar sem muita experiência, só mais por proteção e aí foi quando Lourival Quirino³ que era amigo do meu pai e nadador junto com alguns mais velhos perguntou se eu tinha interesse de treinar, então foi aí que fui amadurecendo a ideia e em 1993 comecei a treinar no rio São Francisco. Salvo que aprendi a nadar em piscina na escolinha de natação, fui aluno de professores mais antigos como professor Gilmar⁴, Carlinhos⁵ e aí fui voltado a sair da piscina pra ir ao rio São Francisco com Lourival Quirino e outros colegas que na época nadavam juntos, só que mais velhos, eu tinha em torno de 12 anos de idade quando eu comecei.

J.O. – Vocês faziam parte de alguma equipe de natação?

¹ Ilha Localizada na divisa entre os estados da Bahia e Pernambuco.

² Rio São Francisco.

³ Lourival Alves Quirino, ex-atleta de natação.

⁴ Gilmar Nery da Silva, ex-técnico de natação.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

J.N. – Não, na verdade nós éramos alguns rapazes, uns mais velhos e poucos novos. Fazíamos um grupo de amigos que ia crescendo, sempre trazendo mais um, mais outro de algum bairro. Então foi feito aquela aglomeração, aquela comunidade de atletas com idades variadas, com isso teve a ter a ideia de fazer as competições de travessias, entendeu? Então, tinha as categorias, as travessias com muitos atletas, alguns não tinham muita técnica, alguns não tinham nem tanta escolaridade, mas era fundamental porque era o esporte e era com muito nadador.

J.O. – Na época das competições, qual era seu poder aquisitivo ou sua classe social?

J.N. – Eu tinha... Eu era estudante, cursava ginásio quando comecei em uma escola particular, e assim, minha classe social, a do meu pai e da minha mãe eram uma classe média para média baixa todos são funcionários públicos. No contexto de todos os atletas amadores da época tinham de todas as classes, tinha dá mais elite como também pessoas que não tinha nem condições de se alimentar direito.

J.O. – Você citou que aprendeu a nadar em uma escolinha de natação, poderia citar o nome da escolinha e o clube?

J.N. – A escolinha foi Escolinha Glote, que eu não falhe a memória, essa Escolinha Glote tinha como professores Gilmar Nery e professor Carlinhos, eles faziam parte da AABB⁶ de Juazeiro e aplicavam a parte da iniciação, era uma piscina não muito apropriada, mas era a que tinha. Eles faziam um bom trabalho com iniciação tanto que teve muitos nadadores que começaram neles partiram para maratona aquática, porque a maratona aquática diferente de uma piscina, você tem que trabalhar no rio, perder o medo e alguns pais não deixavam, outros deixavam que a coisa acontecesse, mas alguns nadadores saíram da Escola Glote, inclusive era uma escola de natação que colocava atletas nas travessias, entendeu? Travessias assim, com atletas iniciantes, mas quem colocava era essa Escola de Natação Glote.

J.O. – Você recorda como era os seus treinamentos?

⁶ Associação Atlética Banco do Brasil.

J.N. – Sim, inicialmente era um treinamento leve porque estava iniciando, mas foi por pouco tempo, questão de 3, 4 meses quando comecei a ter uma resistência a coisa ficou mais intensa. No rio a gente usava como referência coisas estruturais, por exemplo a ponte⁷, então você tinha a subida do remanso que eram algumas das pilastras⁸, geralmente a pilastra do portão que fica no meio do rio, então descia, marcava os locais e subia contra a correnteza. Cinco subidas, seis subidas e tinham subidas que eram mais distante, como subida da ponte até a boia vermelha que era terrível... Hoje contando com rio assoreado a correnteza é fraca, antigamente a correnteza era muito mais forte, então a gente para trabalhar pegando pilastra na frente contra a correnteza, subindo contra a correnteza fazia uma força bem considerável e os percursos de longa distância do Rodeadouro⁹ a Petrolina a Juazeiro, de Juazeiro dando a volta da Nossa Senhora¹⁰ e voltava contra a correnteza margeando o rio, lembrando que na época o rio tinha esgoto caindo in natura, então a gente sempre brincava, nadava até no esgoto margeando o rio e hoje graças a Deus não é assim.

J.O. – Você recorda de alguma competição que participou?

J.N. – *Quase todas*, a minha primeira travessia foi em 1993 já consegui ser o terceiro lugar na categoria, eu não tinha 3 meses de treinamento, foi a Travessia Marechal Deodoro, se eu não me engano, essa travessia tinha um percurso saindo da Marinha¹¹ fazia uma volta na Ilha do Fogo e a chegada era na antiga... Quem lembra era o ponto das barquinhas¹² que antigamente no local tinha uma barca que funcionava um restaurante barco chamado Uberlândia, isso é bem antigo... Era um bar e restaurante. Então, todas as travessias a chegada em Juazeiro eram naquela região da barca Uberlândia, isso foi a minha primeira, logo após teve umas travessias que foram maiores, teve a travessia do aniversário da cidade, as travessias com um percurso maior e você vai melhorando, começa a ganhar mais notoriedade pela idade, começa a ganhar

⁷ Ponte Presidente Dutra na divisa entre os estados Bahia e Pernambuco.

⁸ Colunas que sustentam a ponte.

⁹ Ilha Localizada no rio São Francisco.

¹⁰ Ilha Localizada no rio São Francisco.

¹¹ Marinha do Brasil.

¹² Local onde saía as embarcações na cidade de Juazeiro.

dos atletas mais velhos, vira campeão da categoria, vai melhorando, aprimorando e nisso o treinamento também. Aí em 1995 começou a ter uma travessia chamada Travessia da Integração onde já tinha premiação em dinheiro com as categorias no geral e categoria por idade, mas a chegada era em Petrolina não em Juazeiro.

J.O. – Você participou de alguma competição fora da região?

J.N. – Sim, eu fazia parte do Circuito Baiano de Travessias em 1995, 1996 e 1997 com Lourival Quirino e mais alguns nadadores, fazíamos parte da seleção baiana e viajava para as maratonas aquáticas, então, participávamos dessas travessias para competir na Travessia a Nado Mar Grande - Salvador¹³ que eu consegui fazer duas a de 1996 e 1997.

J.O. – Poderia relatar como conheceu Lourival Quirino?

J.N. – Lourival Quirino conheci através do meu pai. Lourival Quirino além de nadador era pescador, tinha barco e meu pai sempre gostou. Meu pai também se dava muito bem com o pai dele, o finado Jason¹⁴, foi quando a gente fez amizade. Foi uma pessoa muito próxima aqui de casa e passei treinando com ele de 1993 até 1995, no início de 1995 foi quando ganhei uma bolsa pra estudar no Objetivo e mudei de treinador passando a ser Régis¹⁵, conhecido como negão de Régis, só que Lourival treinava também com a gente porque o treinamento no rio tem uma certa limitação e na piscina você tem o foco, a técnica e um rendimento mais aprimorado. Então, Lourival veio treinar comigo no SESC¹⁶ sabendo que durante o processo ele teve um treinador que se chamava Jailson¹⁷ que deu uma resistência muito grande, eu passei também pelas mãos de Jailson associado a Loreta¹⁸. Jailson era famoso em dar a carga de treino para que você tivesse uma resistência tamanha e suportar os treinos intensos, tanto é que na época de 1995, 1996 e 1997 eu chegava a treinar até 12 quilômetros por dia.

¹³ Travessia realizada na Baía de Todos os Santos.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

¹⁵ Regivaldo Alves de Menezes, ex-técnico de natação.

¹⁶ Serviço Social do Comércio.

¹⁷ Jailson Ferreira da Silva, primeiro técnico de Lourival Alves Quirino.

¹⁸ Nome de Lourival Alves Quirino no meio esportivo.

J.O. – Como era relação com a família de Lourival?

J.N. – *Muito boa*, tanto com irmão, com o pai e com a mãe, então assim, eu frequentava o Angari¹⁹, eles me tinham como um xodó porque eu era mais novo da equipe, e assim, respeitava muito seu Jason, tive uma amizade... Inclusive tinha uma foto, vou até procurar tirada eu e seu Jason, eu tinha uns 13 ou 14 anos. Então, eu tinha muito respeito, andava de barco, a gente pescava muito, ele foi um grande mergulhador. Andava dentro da casa dele no Angari.

J.O. – Falando sobre Lourival Quirino como era a relação dele com os amigos e com os companheiros de equipe?

J.N. – Muito respeito, a rivalidade existia porque ele era campeão e os outros tentavam chegar próximo, mas eu digo que Lourival Quirino pela diversidade era uma coisa totalmente diferente, um atleta que não tinha uma alimentação... Se você colocar hoje dentro do considerável ideal, é um biotipo por ser puxado, não digo negro, mas de uma família pobre que conseguiu ganhar uma maratona aquática, ser campeão com um treinamento bem intenso mais nada de específico, então chamo isso de dom. Os outros atletas tentavam chegar próximo, mas não chegava, não adiantava e não tinha esse. Então, a relação dele com essa superioridade era muito tranquila, procurava buscar mais atletas e se um desse superasse, ele não interessava e o que queria era agregar. Essa cabeça era interessante porque conseguia que muita gente respeitasse. Sempre vai ter, sempre vai existir e ter pessoas que queiram ganhar dele ou que queira ganhar de qualquer um que seja o primeiro, se não, nem teria graça. Lourival é uma pessoa muito respeitador em relação a isso, muito agregador, você não via se dispondo e muito tranquilo.

J.O. – Em relação a apoio financeiro a sua equipe ou Lourival Quirino tiveram?

J.N. – Muito pouco, se você for colocar... Eu passei um tempo fora e depois de 1997 parei de nadar, retornei quando voltei pra Juazeiro, então, me recordo de uma viagem

¹⁹ Bairro ribeirinho localizado na cidade de Juazeiro.

que ele fez para o exterior para fazer maratona aquática e foi rifado um carro pra se conseguir o dinheiro para a viagem, fora isso, não digo humilhação, mas era muita persistência conseguir passagens em ônibus ruins, *diga-se de passagem os ônibus não eram bons*, para conseguir fazer maratona em Salvador, com alimentação precária, não tinha suporte nenhum de material ou você comprava com seu dinheiro ou você não tinha material pra treinar. Então assim, salva algumas situações do professor Régis conhecido que ajudava com treinamento do SESC, com a suplementação, com alguma coisa, se juntava, se fazia um agregado ou um dinheiro ali ou vencer uma travessia que tinha um dinheiro e você ganhar esse dinheiro ou apoio nenhum, eu lembro de a prefeitura ter ajudado algumas gestões, não me recordo do prefeito, mas muito pouco e nem se compara com a ajuda do futebol.

J.O. – Aprofunda um pouco mais de como era a vida de Lourival Quirino nas margens do rio São Francisco.

J.N. – Eu lembro assim, ele tinha barco e muito novo, mergulhava pra ter um sustento, pescava de mergulho cheguei até ir com eles algumas vezes e treinava. A vida dele se resumia a pesca e o treino, não me lembro da escolaridade e se chegou a completar, não me recordo, mas sempre voltado ao rio São Francisco. E quando começou a treinar para a Travessia a Nado Mar Grande - Salvador e ser campeão as coisas mudaram um pouco de figura, ele se dedicou muito aos treinos, então tinha alguns patrocinadores que chegavam mais não era uma coisa para se manter disso, *não dava*, ele tinha que pescar, tinha que ter o sustento da pesca junto com outros amigos do Angarí, como Dú²⁰, com é... O que mais me recordo, como Moacir²¹, seu Jason e Pedrinho²² se não me engano também pescava de mergulho, então tinha esse outro lado profissional de pescar.

J.O. – Aprofunda um pouco como era a rotina de treinamento de Lourival.

J.N. – O treinamento que eu acompanhava eram dois turnos. O primeiro... Estudava à tarde, então o turno que eu treinava era pela manhã, quando eu estudava à tarde o turno

²⁰ Nome sujeito a confirmação.

²¹ Moacir Ales Quirino, irmão de Lourival Alves Quirino.

²² Nome sujeito a confirmação.

era de 7:30 da manhã na Ilha do Fogo o treinamento geralmente demorava duas horas de relógio mais ou menos, 9:30 já estava em casa. Quando passava a estudar pela manhã o treinamento era a tarde iniciando às 16:00 horas e ia até às 18:00 ou 18:30 no escuro mesmo, sempre no rio São Francisco, os treinos não eram métricos, não existia GPS, não existia roupa específica, não existia nada, existiam apenas óculos e alguns materiais que hoje não se treina mais como: quer peso usa calça jeans, se quer puxar um arrasto não era *pulbol* e sim uma câmara de ar de pneu de carrinho de mão torcido nos pés, quer ficar mais pesado usa uma blusa de manga. Então, geralmente era uma coisa mais arcaica puxado por isso, mas que resolvia e nossa equipe quando viajava para as travessias fora Juazeiro subia muito no pódio.

J.O. – Você recorda de alguma dificuldade ou barreiras que você ou Lourival passaram?

J.N. – A barreira que a gente mais teve foi financeira, não tinha como fazer todas as etapas, existia um gasto, não tinha muita ajuda e alguns clubes tentavam ajudar, mas a gente viajava muito na limitação dos alimentos, não podia comprar nada, não tinha um tempo de descanso, muita das vezes chegava à noite para competir no outro dia de manhã, com isso já começa perdendo. Geralmente as travessias era o seguinte, acontecia aos domingos e as equipes chegavam aos locais... Lógico que Juazeiro é um pouco mais longe de quem mora em Feira²³, de quem mora no Recôncavo baiano e chegavam mais rápido do que a gente. O ideal era chegar sábado pela manhã e fazer o solto. O solto era nadar um pouco durante o sábado, quebrar aquele clima, sentir o mar, alongar a musculatura e preparar tudo. Geralmente a gente chegava à noite para nadar no outro dia de manhã na competição, então o nosso solto era aquele aquecimentozinho antes da prova e pronto.

J.O. – Como você pode diferenciar a natação da década de 1990 para natação atualmente?

J.N. – *Muito mais forte*, a natação de hoje está muito limitada por incrível que pareça em quantidade de gente, em rendimento, em quantidade de treino, em disciplina, você

²³ Feira de Santana, cidade localizada no estado da Bahia.

não tem disciplina hoje com jovens, *você não consegue*, o atleta consegue ir até aos 18, 19 anos se vai achar que conseguirá algum dinheiro e se não conseguir ele parar, entendeu? Então, não tem mais aquele esporte por amor, por questão de saúde ou por questão de querer vencer alguma coisa. Se não tem o resultado ou teoricamente ele acha que quer o financeiro... Eu acho que a nataçãõ ficou muito para trás aqui na região, digo porque é uma crítica que eu falo a quem treina comigo, vou fazer 40 anos de idade e acho inadmissível ganhar para meninos de 19, 20, 21 e 22 anos, não concordo e chego ganhando muito longe, chego muito na frente, um cara que mal treina porque trabalho dois turnos, trabalho 11 horas por dia, tomo conta de filho, ainda vou treinar e consigo chegar entre o quinto, sexto no geral. Então, ou seja, quando isso está acontecendo é porque a nataçãõ não tem uma renovaçãõ, isso não pode teoricamente acontecer. Temos atletas desse ano, do ano passado, do ano retrasado que nadaram comigo e hoje não nadam mais e aí você olha pra ver quem está surgindo e não tem. Existe um déficit de competições muito grande, não estou falando de pandemia eu estou falando no geral, tem um déficit de competições e um déficit de atençãõ na iniciaçãõ isso Juazeiro está muito a abaixo.

J.O. – A nataçãõ da década de 1990 era um esporte com muitas atividades? Tinha reconhecimento do público e a mídia cobria as competições?

J.N. – *Tinha*. A mídia cobria, o cais ficava cheio pra ver as competições, isso era muito interessante, tinha carro de som, tinham atletas que vinham de fora como, Senhor do Bonfim²⁴ trazendo muitos atletas... Porque assim, era uma competiçãõ municipal de Juazeiro, mas aceitava qualquer atleta, então Senhor do Bonfim vinha com o Professor Raimundo²⁵ que até hoje nada, pedala e traz alguém, então Raimundo chegava a trazer para a travessia 15, 20 atletas... Não estou falando de nível do atleta, mas é um início entendeu? Ele trazia... Feira de Santana às vezes trazia... Uma travessia naquela época de 1993, 1994 e 1995 tranquilamente você tinha cem atletas nadando, *por baixo*, o cais cheio de gente esperando a chegada dos atletas, tinha o pódio, se você ver algumas fotos ou tiver oportunidade... Eu tenho algumas fotos e não cabe todo mundo, hoje as

²⁴ Cidade localizada no estado da Bahia.

²⁵ Nome sujeito a confirmação.

competições são com três, quatro, cinco, oito ali. Hoje não consegue colocar cinquenta atletas para nadar uma travessia. Então assim, era muito mais forte, muito mais concorridas, as categorias eram bem acirradas e se tinha uma disputa amiga, mas tinha um respaldo do público, a prefeitura, não me lembro gestão, a gente não veio tratar de gestão aqui, mas tinha o apoio da prefeitura, não era bom mais é melhor do que os atuais, *bem melhor*.

J.O. – Sobre questão financeira. A classe social mais baixa só tinha acesso ao rio? Ou essa classe tinha acesso a algum clube da cidade?

J.N. – Não, acesso só ao rio. Porque aqui só tinha um clube para treinamento que era o Country Club²⁶, não me recordo o treinador da época, se tinha equipe e se tinha era equipe de piscina básica, o SESI²⁷ de Juazeiro que tinha piscina também não lembro o nome do treinador e não lembro da formação de equipe. Então, a criança carente não tem onde treinar e com isso sobra o rio. Como eu era mais novo tive a oportunidade de ganhar uma bolsa no colégio Objetivo com Régis e aí eu fui para melhorar, mas não tinha... Como os outros atletas eram muito mais velhos e já tinham um histórico de trabalhar com isso ou trabalhar com aquilo... Então, o esporte é uma coisa boa é, desvia de coisas ruins desvia, faz amigo faz, mas tinham que trabalhar porque eram de famílias pobres, carentes, tinham que trabalhar pois eram os mais velhos, entendeu? Então, nesse caso esses atletas já procuravam o seguinte: treinar um turno, o tempo ia passando e viam que não tinham como ir mais no esporte, então, treinavam só um turno, faziam travessia mais para completar, por questão de saúde e não por questão de ser um atleta profissional, porque viam que não dava.

J.O. – Vocês tinham apoios de outros profissionais como médicos, nutricionistas e/ou fisioterapeutas?

J.N. – *Não*, isso nem existia. Não tinha apoio de nenhum, não existia... Os alimentos que a gente tinha, uma boa alimentação era dentro das necessidades de cada um, mas

²⁶ Clube social localizado na cidade de Juazeiro.

²⁷ Serviço Social da Indústria.

não existia isso, inclusive o único suplemento que a gente conseguiu ter foi o *Carbap*, *Natubolic*, isso era antigo e uma coisa que se conseguia achar... Tinha um certo custo, muito pouco pesquisado, tipo assim, passava porque achava que era bom e tudo, mas não tinha exames para saber a questão nutricional, se precisava desse ou de outro, não tinha, entendeu? Era uma coisa muito... Era doce pra gente poder nadar, um Gatorade na época era dividido para tantos no pós-treino. Não, tinha nada disso não.

J.O. – Você acompanhou Lourival Quirino em alguma viagem, alguma competição?

J.N. – Sim, pela seleção Juazeirense. Todas as travessias que nadamos juntos durante quatro anos. Umas ele foi que eu não fui e tem umas que eu fui e ele também não foi, era assim, mas a maioria delas ele ia a todas.

J.O. – Como era o comportamento de Lourival antes e após cada competição?

J.N. – Tranquilo, sem muita.... Às vezes ganhava a travessia, às vezes perdia para um, mas nada que abalasse, porque importante era a Travessia a Nado Mar Grande – Salvador, a questão toda de fazer a seletiva às vezes perdia uma ganhava outra, não era problema. O bom era ganhar a travessia a Nado Mar Grande – Salvador, essa era a que lhe dava aquela moral.

J.O. – Na carreira de Lourival Quirino como atleta de natação teve alguma repercussão na mídia televisão, rádio ou jornal?

J.N. – *Teve*. A Travessia a Nado Mar Grande - Salvador quem cobria era o jornal A Tarde. Teve, sempre tinha... A gente da natação de Juazeiro era sempre bem visto fora. Fora que eu digo em Salvador, Ilhéus²⁸ e Ilha de Itaparica²⁹, que eram onde tinham as etapas, até a etapa de Juazeiro que era local. Então, chegou a um ponto de ter no pelotão de elite Lourival Quirino, eu e mais uns dois nadadores do pelotão entre os dez que dominava, andava bem, *entre os dez*. Tinha travessia mesmo que eu tinha 15 anos de

²⁸ Cidade localizada no estado da Bahia.

²⁹ Ilha localizada no estado da Bahia.

idade e chegava em nono, décimo primeiro no geral, só que da minha categoria era forte e a renovação desses atletas fora era muito grande, tinha atletas de 14 anos que chegava em segundo, terceiro e você vê que ali era um diferenciado.

J.O. – Na Travessia a Nado Mar Grande - Salvador de 1996 quando Lourival desistiu da prova você estava presente?

J.N. – *Estava sim*, eu completei a prova. A gente teve uma mudança de maré nesse dia, a maré ficou contra, ficou uma prova atípica porque tinha um pouco de onda e uma maré contra, tanto é que completei em três horas e trinta minutos e a de 1997 fiz em duas horas e quatro minutos, se eu não me engano, foi uma diferença de uma hora e meia. Então, foi uma prova diferente e bem atípica mesmo.

J.O. – Como era Lourival Quirino como atleta e pessoa? Como você descreveria.

J.N. – A mesma pessoa, não tinha diferença, muito tranquilo, estava tudo bom, não reclamava de nada e muito tranquilo nas provas.

J.O. – Gostaria que contasse como é a sua relação com Lourival Quirino hoje?

J.N. – Muito boa como amigo, ele é atualmente vereador na cidade, acompanhei essa eleição dele, foi um cara que eu ajudei na campanha em troca de nada só por amizade mesmo. Então assim, não sou aquela pessoa tão presente como deveria isso por questões de trabalho e de ocupação, mas voltei a nadar, voltei a nadar em 2012, 2013 quando cheguei aqui, hoje faço as maratonas aquáticas e estou no triathlon também por questões pessoais de querer melhorar por mim mesmo, não para ganhar de ninguém, mas por questões... Foi um cara que sempre me incentivou a voltar e até porque a natação está com um problema muito grande aqui, não tem muitos atletas. Temos atletas da velha guarda da década de 1990, que você vai ter oportunidade de falar, estão todos nadando e se tiver uma travessia vai participar e se brincar vai ter mais atletas da década de 1990 nadando a travessia do que da década de 2000, isso é o que assusta um pouco, mas

minha relação com ele muito boa, sempre presente, de vez em quando me visita, eu visito ele e tudo certo.

J.O. – Na sua opinião Lourival Quirino trouxe algo para sua vida?

J.N. – Trouxe, porque foi minha carreira de esporte, isso me ajudou muito dando uma disciplina. São duas coisas que eu acho que deveria ser obrigatório na vida de um homem, do ser humano masculino que estou falando, seria o esporte e o exército. Porque te dá uma disciplina, tenta ter normas, diretrizes pra o ser humano e isso é interessante. Eu tive uma oportunidade de jogar profissionalmente, quando parei de nadar em 1998 e passei no vestibular, mas lá não tinha como nadar, tive um problema de saúde e terminei virando goleiro de futebol de salão, joguei 9 anos futebol de salão profissional, fui eleito o melhor goleiro do estado de Sergipe três anos seguidos, joguei na seleção sergipana, joguei as olimpíadas universitárias, seleções municipais e o campeonato sergipano. Eu era muito requisitado e ao mesmo tempo existia uma coisa em mim que era o seguinte, eu carregava uma disciplina pra tudo que veio da natação. Como minha atual profissão não permite que eu fosse goleiro, voltei para a natação e foi a duras penas porque 17 anos sem nadar e você voltar a nadar é muito querer. Realmente voltei a nadar no Country com Lourival Quirino mais uma vez, “Vamos voltar a nada?” e eu disse: “bora”, foi um pouco sofrido, mas hoje consegui dar a volta por cima, consegui voltar as travessias, não sou campeão... Sou campeão de minha categoria, mas campeão assim também não tenho esse... Percebo que a velha guarda ainda tem muita coisa boa e graças a ele.

J.O. – Na sua visão que influência Lourival Quirino deixou para a natação?

J.N. – Uma influência muito boa. Uma influência que quando você avalia as pessoas que estiveram na geração dele, que foram atletas no momento, por alguns anos, são pessoas de bem, pessoas que hoje a gente vê na rua... Alguns nadam, outros não nadam mais, mas você vê que são pessoas do bem e com profissão. Então, você fala: “Ajudou de que forma?”, ajudou porque naquele momento foi uma pessoa que se dedicou ao esporte, não se dedicou a outras coisas que na vida o ser humano pode usar como as drogas, violência, arma, algum grupo de bairro que comete alguma coisa. Então, são

peessoas voltadas ao esporte que usaram o tempo em vida para estar treinando e para estar estudando, porque a gente sempre cobrava de todo mundo: “Tem que pra ir para escola, tem que treinar, mas tem que ir pra escola”. Então assim, esse foi o legado que foi deixado pra essas pessoas, salve um ou outro que teve algum desvio de conduta, mas a maioria trabalha, é pai de família e tem saudades comentar daquela época. Muitos nunca pararam de nadar ou retomaram a natação, se você ter ideia hoje eu tenho um colega de treino que é filho de um cara que eu treinava junto, que treina comigo hoje o filho dele e do jeito que as coisas são provavelmente ainda nado por muito tempo e já nado até com filho desse filho.

J.O. – Tem algo que gostaria de deixar registrado?

J.N. – Eu acho que a natação aqui em Juazeiro deveria ter mais uma atenção, digo assim não só natação. Os esportes individuais que tem uma base escolar como futsal, basquete, handebol, voleibol e a natação são esportes que o aluno, que a criança e adolescente aprende na escola, *tem na escola* e tem nos jogos escolares, então, são esportes que parte de uma educação de uma criança, não estou falando pelo o dinheiro, eu estou falando por questões de eventos, estou falando por questões de competições e o incentivo a iniciação. Você consegue ver em Juazeiro e Petrolina 300 campos de futebol, mas você não vê uma quadra coberta, você não vê uma piscina coberta, você não vê um centro de treinamento de atletismo com uma pista de verdade, que você consiga formar um atleta. Você pode formar um atleta, mas se ele não se machucar em 3 ou 4 anos porque a pista faz parte. Se você conhecer as pistas de Juazeiro tem que dar risada, o ginásio nem é oficial, piscina não tem nenhuma a não ser a do Country de 25 metros, como é quer vai formar um atleta, como é que vai iniciar um atleta, *muito difícil*. Então, o que eu deixo de registro é isso, porque estamos perdendo atletas que iniciem uma carreira que tem... Não digo nem que vá para as olimpíadas, mas que seja um atleta, que represente sua cidade, sua escola, sua família e estamos perdendo isso, porque não tem... Eu não digo nem dá oportunidade, não tem nem como fornecer oportunidade porque o município não dar essa atenção.

[FINAL DA ENTREVISTA]